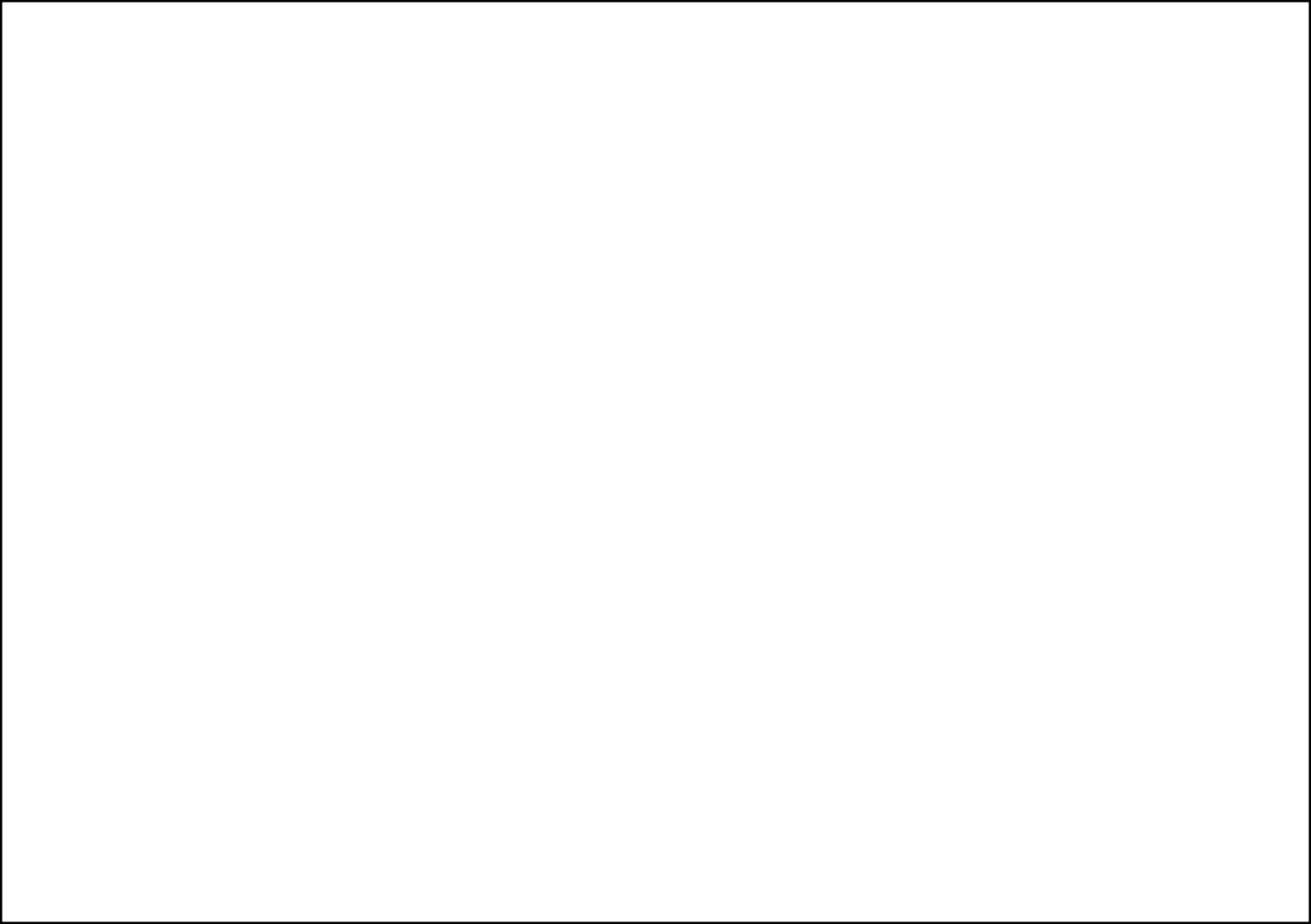


T
U
L
H
A





REALIZADO POR:



REDAÇÃO E EDIÇÃO:

Breno Pilot e Rodrigo Roda

PARTICIPAÇÕES:

Fernanda Martini

José Camilo

Letícia Sitta

Luísa Trevisan

Paula Bianchi

Viviane Bartolo

Todo o conteúdo é de responsabilidade única de seus autores e não reflete necessariamente a opinião da revista.

Para enviar material:

[facebook.com/arquiteturapetpucamp](https://www.facebook.com/arquiteturapetpucamp)

SUMÁRIO

04.O Poder de Síntese na Arquitetura e Urbanismo

10.O Primeiro Museu de Design na China

13.Os símbolos da nova cidade brasileira

17. Problemáticas e Relações socioespaciais nas cidades

20. Espaço do Arquiteto

26. Arquitetura pelo mundo

29. Relatos e Vivências

34. Publique-se

39. Dicas

O PODER DE SÍNTESE NA ARQUITETURA E URBANISMO

Alejandro Aravena vem se mostrando no mundo da arquitetura como um solucionador de problemas visionário. Arquiteto chileno, ganhador de alguns prêmios como o Marcus e Erich Schelling, e autor de obras espalhadas pelo mundo todo, levanta algumas questões de cunho social e como podemos encontrar soluções para elas, que sejam fundadas na arquitetura e no urbanismo.

Nas palavras de Alejandro, “um dos maiores erros do arquiteto é que esperamos que a sociedade se interesse em questões específicas de arquitetura”. Ele completa dizendo que, ao contrário dessa relação, o arquiteto deve se adequar a o que está sendo discutido na sociedade, e apenas oferecer os meios para transformar os problemas

em soluções.

A comunidade de arquitetos e urbanistas normalmente foge de discussões e práticas de habitação social, de acordo com sua opinião, devido à falta de recursos, uma vez que estão quase sempre ligadas ao poder público. Sua dedicação a tais questões, porém, acrescentou em sua carreira o poder de síntese, que o faz deixar de lado o que é dispensável, ser preciso e evitar a arbitrariedade. “Quanto mais complexo for o problema, maior sua necessidade de simplicidade”.

Alejandro apresenta fatos baseados em estudos que mostram que se as cidades continuarem crescendo da forma que estão hoje, em 2030 teremos 5 bilhões de pessoas vivendo em cidades, dentre as quais 2 bilhões viverão abaixo do nível de pobreza. Para que se evite tal tendência, tais estudos mostram que seria necessária, nos próximos 15 anos, a construção de uma cidade de 1 milhão de habitantes por semana.

O crescimento populacional urbano é positivo, uma vez que o planejamento de cida-

des deveria proporcionar qualidade de vida à população. Porém, no cenário atual, um dos maiores problemas sociais do urbanismo é o déficit habitacional em grandes cidades. Nelas, essa parcela da população, que vive abaixo do nível de pobreza, vive em favelas, guetos e ocupações, o que foge completamente do cenário ideal.

Nesta matéria, mostraremos um pouco do método de Alejandro Aravena, analisando dois casos específicos de questões sociais no Chile, para entender como o poder de síntese de ideias é importante para a solução de problemas.

No primeiro caso, ocorrido há 10 anos, o escritório de Alejandro recebeu a proposta de dar habitação à 100 famílias que ocupavam ilegalmente um terreno no centro da cidade de Iquique, no sul do Chile. Para isso, seria usado um subsídio de U\$10.000,00 por família, com os quais se deveria comprar o terreno, proporcionar infraestrutura e construir as casas, que teriam cerca de 40m².

A equipe decidiu, então, incluir as

famílias em um processo participativo na busca pela solução. Foram levantadas questões sobre como habitações de 40m² não promoveriam qualidade de vida às pessoas, e como a proposta de habitações verticais e multifamiliares não possibilitaria a expansão dos apartamentos. Juntos, repensaram a problemática. "Em vez de pensarmos em uma casa de 40m² como pequena, por que não a consideramos como metade de uma casa boa?".

Dessa forma, poderiam ser construídas casas de 40m² que comportariam tudo o que é estritamente necessário, com espaço para que os moradores a expandissem de acordo com suas vontades e necessidades. Ou seja, "o arquiteto dá a moldura, e o morador preenche com a pintura".

Alejandro diz que o problema do déficit habitacional não será resolvido a não ser que usemos o poder de mobilização e produção, em termos construtivos, da própria população. Assim, pode ser que favelas, guetos e ocupações não sejam o problema, mas que façam parte da solução.



No segundo caso, levaremos em conta o tsunami que atingiu a costa do Chile em 2010 e destruiu algumas cidades por completo, como a comuna de Constitución, no sul do país. O poder público de lá convidou o escritório de Alejandro Aravena para repensar a cidade do zero, desde prédios e espaços públicos, infraestrutura urbana, até medidas de proteção contra futuros desastres naturais, com o prazo de 100 dias para a proposta. Mais uma vez, para que o resultado não fosse superficial ou injusto, decidiu-se partir de um processo participativo de projeto, a fim de descobrir a cidade que a população queria.

Dessa forma, Alejandro percebeu que a proteção contra futuros desastres naturais era importante, porém não era a questão mais urgente. O próximo tsunami poderia acontecer dali a 20 anos ou mais, mas os problemas de inundações, mobilidade, falta de espaços públicos e áreas verdes de qualidade, eram constantes. Além disso, a população mostrou que a identidade da cidade não estava ligada ao que foi destruído, e sim

com a natureza ali presente, ou seja, o mar, os rios e as florestas. O principal rio não era acessível à população, uma vez que suas margens eram privatizadas, e a floresta, característica da região sul do Chile, estava quase totalmente desmatada.

A solução contra desastres naturais, então, seria colocada em prática através de recursos naturais, que também possibilitariam melhoras na qualidade de vida dos habitantes. O projeto conta com a implantação de uma floresta entre a cidade e o mar, que funcionaria não como barreira para uma possível tsunami, mas como um agente dissipador de sua energia, o que resultaria em danos menores.

A floresta, que está sendo implantada atualmente, já funciona também como elemento que soluciona a carência de espaços públicos de qualidade e áreas verdes planejadas na cidade.

O processo participativo de projeto tem grande importância no método de concepção de Alejandro, e vem garantindo resul-



tados cada vez mais notáveis, uma vez que a população oferece a ele não as respostas, mas as perguntas certas. Ele acredita que o arquiteto deve se juntar ao poder público e à população, de forma a unir forças e dividir tarefas.

Alejandro diz que o poder de síntese de ideias, sendo elas conhecimentos advindos da população, da natureza, ou de referências projetuais, é o que coloca a força da vida no núcleo da arquitetura e do urbanismo, para que assim possam ser realizados projetos e obras melhores.

BRENO PILOT



Fontes:

TED Talk: My Architectural Philosophy? Bring the Community Into the Process / Alejandro Aravena

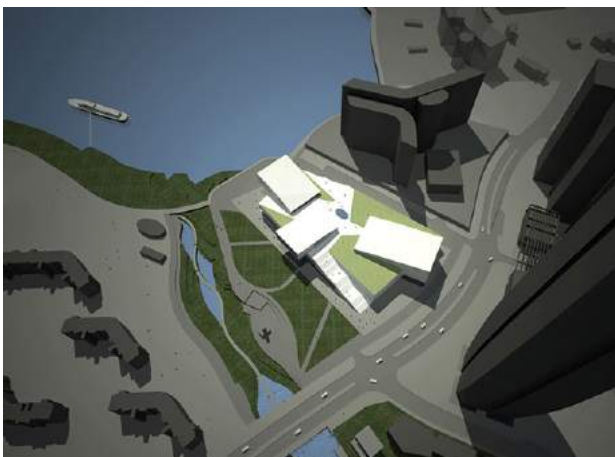
The Guardian UK

PRIMEIRO MUSEU DE DESIGN CHINÊS

Nesta edição da Revista Tulha, trazemos o projeto do primeiro museu de design da China, realizado pelo arquiteto chinês Fumihiki Maki.

Fumihiki Maki nasceu em Tóquio em 1928, e se formou em arquitetura no ano de 1952 em sua cidade natal. Em 1953 concluiu seu mestrado em Harvard, na Graduate School of Design, e retornou para Tóquio, onde abriu seu próprio escritório, Maki and Associates, no ano de 1965. O arquiteto tem 87 anos e é vencedor de muitos prêmios, como por exemplo o Prêmio Pritzker de 1993, e a Medalha AIA Gold em 2001. Possui projetos não só em Tóquio como também na América do Sul, América do Norte, Europa e Ásia.

O conjunto de textos de autoria de Fu-



mihiki Maki resultou na criação do livro “Nurturing Dreams”, 2008, dando enfoque ao seu método projetual, que relaciona os aspectos da arquitetura moderna com as qualidades históricas de seu país.

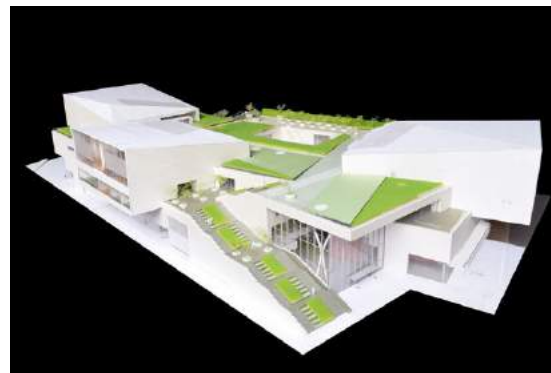
O projeto mostrado aqui é de um museu que fará parte do Shenzhen Sea World Cultural Arts Center. O complexo já existente, situado em Shenzhen na China, engloba edifícios de uso residencial, comercial e agora cultural. O projeto conta com salas de teatro, polivalente, museu e galerias de arte, encomendado por um grande conglomerado de Hong Kong, China Merchants Group, junto com o enorme museu Victoria & Albert Museum, em Londres fundado em 1852.

O jogo de volumes que o arquiteto faz, juntamente com as vedações transparentes, evidencia as características modernistas do projeto. Além disso, a preocupação que tem com o entorno, resulta na vista panorâmica das montanhas de HongKong e do Oceano.

A estrutura é constituída de concreto armado e aço, em um conjunto de cinco

pavimentos, com uma área total construída de 46.200m². Os três volumes trapezoidais resultam em um pátio central, que se estende pela cobertura de outros volumes e forma um terraço jardim, cujo acesso se dá por duas grandes escadas.

RODRIGO RODA



Para mais informações, acesse o site do escritório de Fumihiki Maki :
www.maki-and-associates.co.jp

OS SÍMBOLOS DA NOVA CIDADE BRASILEIRAS

Já no início do século 21, especialistas diziam que as grandes cidades brasileiras iriam morrer. A vida urbana no Brasil estaria fadada à destruição, uma vez que as cidades emergentes se espelhavam nas principais - São Paulo e Rio de Janeiro -, e estas insistiam em seguir o caminho do caos. E o pior é que o próprio ser humano é quem escreve o manual para tal genocídio.

A arquitetura e o urbanismo brasileiros, que um dia eram influenciados pelos grandes nomes do modernismo europeu e resultaram em obras de grande importância, se tornaram tão pouco influentes na nossa sociedade que hoje não se sabe qual deveria ser a atuação dos profissionais dessa área.

A cidade que, cada vez mais, valoriza o transporte individual em detrimento do cole-

tivo, que afasta do centro a população trabalhadora de baixa renda, que esconde seus rios e destrói suas árvores. A cidade que enxerga o território e a produção do espaço a partir de uma perspectiva gestonária, que alimenta tanto a especulação da terra e o mercado imobiliário, que se fecha em muros e enormes edifícios, que engole os pedestres por sua escala, que se afoga em insolúveis questões políticas, propinas e concessões, que se fortalece a partir da desigualdade e segregação socioespaciais, que propõe espaços públicos de qualidade apenas quando relacionados ao interesse privado, ignorando a realidade social. É esta a cidade que queremos?

Para um lugar que se vangloria tanto como a principal cidade do Brasil, São Paulo dá pouca importância à problemática da habitação. Em 2010, na Grande São Paulo, eram 4 milhões de pessoas sobrevivendo de maneira precária e insalubre em cortiços, favelas, ocupações ou mesmo na rua, fazendo com que o déficit habitacional se tornasse um dos maiores do planeta.

Porém, no meio da segunda década do século, começamos a ver mudanças na cidade, sejam elas fruto de políticas públicas que fogem do padrão atual, ou de movimentos e manifestações da própria população, clamando por uma vida urbana de qualidade. Dessa forma, os mesmos especialistas expressam suas opiniões com uma visão pouco mais otimista do que antes.

Um dos fatos que mostram simbolicamente os novos tempos, é o conjunto de medidas públicas que foram recentemente aplicadas em uma das principais avenidas de São Paulo. A avenida Paulista é com certeza uma das mais importantes da cidade. Além do enorme fluxo diário de pedestres e automóveis, concentra grande parte da população trabalhadora por meio de edifícios corporativos, e tem grande potencial atrativo, uma vez que contempla importantes edifícios culturais e de comércio.

No final do primeiro semestre de 2015, o governo municipal de São Paulo inaugurou a nova ciclovia da Avenida Paulista, de 2,7km de extensão. Sua realização



foi possibilitada pela redução das faixas de rolamento do leito carroçável, e sua implantação se deu junto ao canteiro central, com o objetivo de valorizar igualmente os automóveis, os ciclistas e os pedestres. No mês de outubro, a avenida começa a ser fechada para automóveis aos domingos, como mais uma medida do governo para valorizar o ser humano e as convivências sociais diárias.

Assim, aos poucos e através de pequenas e grandes decisões e implantações, a população se apropria da cidade e a produção desta passa por diversas mudanças. É claro que implantar ciclovias, ampliar a largura de calçadas, investir em transporte público e infraestrutura é um processo complexo e demorado, além de resultar em conflitos de interesses não só políticos, mas também sociais. Apesar de erros, opositores de força (no caso das ciclovias, todos aqueles que se beneficiam do transporte individual), a força da mídia e o medo crônico de mudanças, a população se beneficia em curto e longo prazo. Além de, em termos do uso da bicicleta, a saúde da população melhorar devido

à decadente emissão de gases poluentes advindos de automóveis, a qualidade de vida urbana aumenta gradativamente. Da mesma forma, com o tempo as pessoas se beneficiam do convívio diário, se tornando mais humanas, se sentindo mais parte da sociedade.

As medidas implantadas na Paulista fazem dela o principal símbolo da dinâmica urbana que vem tomando forma, se colocando como o cartão postal da nova cidade. O papel do arquiteto e urbanista nessa nova cidade é essencial, e conta com a reformulação da estrutura antiga, a fim de conectar os espaços de qualidade existentes, antigamente fragmentados, se engajar às questões sociais junto ao governo, seja municipal ou federal, forçando-o a se posicionar e discutir sobre a cidade.

Como disseram os ciclistas da Paulista ao prefeito de São Paulo, “mais amor, menos motor”, se tornando parte de uma cidade para pessoas, que possa de fato servir de modelo para outras cidades menores do Brasil, e quem sabe do mundo.



BRENO PILOT

Fontes:

- blog da Raquel Rolnik (<https://raquelrolnik.wordpress.com>)
- blog cidades para que(m)? (<http://cidadesparaquem.org/>)

PROBLEMÁTICAS E RELAÇÕES SOIOESPACIAIS NAS CIDADES

As cidades brasileiras, em suas especificidades, passaram por um período de urbanização muito rápido, tendo o Brasil, o país que na segunda metade do século XX tem maior crescimento urbano, não diferentemente em Campinas. Esse fator, associado a uma conjuntura histórica e de fortalecimento da indústria vai gerar juntamente com camadas de fenômenos anteriores, desde sua colonização, as cidades atuais.

Uma das questões latentes para entender a conjuntura das cidades é a noção de propriedade, atrelada a uma visão gestinária do território e da produção do espaço. Nesse contexto, uma vez que as cidades são produzidas para atender uma burguesia emergente e consolidada ao longo dos anos configura-se um território pautado na desigualdade e segregação social nas sociedades

contemporâneas. Portanto, o entendimento da situação atual, se deve a partir das reflexões das suas origens, ou seja, das consequências do modo de vida e de um pensamento burgês.

Assim, as políticas públicas não direcionadas entram em desajuste com a realidade social, não atendendo as suas principais demandas. Segundo BENATTI e SILVA NETO (2015) essas políticas enfrentam dois desafios, a carência de se entender as questões urbanísticas, as ações de uma visão administrativa, visto que é a partir dessa visão que ações urbanas são tomadas e a falta de instrumentos de gestão para lidar com a complexidade da configuração territorial.

O espaço produzido é o produto do trabalho humano, e o produto que produz o ambiente construído é definido por Vilaça como a "localização". Esta é de fundamental importância para entender a terra urbana, principalmente, em que se pauta na capacidade da própria configuração do espaço urbano e suas relações com a cidade e seus

elementos, que é "produto de trabalho, humano, da força de trabalho coletiva, social".

Um dos pilares da problemática, a propriedade privada vai ser o motor da desigualdade socioespacial. O seu significado se modifica ao longo da história. Irá começar a surgir a noção de propriedade privada a partir do cristianismo. A propriedade passa a um patamar de mercadoria, atingindo e influenciando seu entendimento e significado na sociedade moderna.

Ou seja, a propriedade passa a ser meio articulador da organização territorial do espaço e da sociedade. No que se refere a esfera "da organização social, econômica, política, cultural".

Nessa perspectiva, as cidades serão produzidas associadas à esta conceitualização gerando uma organização espacial que agrava a problemática urbana no âmbito das desigualdades e da segregação socioespacial. Sendo que, "a segregação é a mais importante manifestação espacial-urbana da desigualdade que impera em nossa sociedade" (VILLAÇA, 2012).

A manutenção e acirramento das assimetrias espaciais contribui para essa desigualdade social. E uma vez que esse conceito é naturalizado, com a manutenção da desigualdade, impreterivelmente há o acirramento e continuidade das assimetrias espaciais. Impelida por um desenvolvimento movido pelo mercado imobiliário, as cidades crescem privilegiando a segregação socioespacial que atua com articulador da produção do espaço, além de agravar as desigualdades sociais.

JOSÉ CAMILO CARLOS JÚNIOR

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENATTI, Liliâne Alves; SILVA NETO, Manoel Lemes da Silva. Questões estruturais da cidade – Leituras possíveis. Ano 15, maio de 2015. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5528>>

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. 6ª ed. São Paulo: Editora da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014.

VILLAÇA, FLÁVIO. REFLEXÕES SOBRE AS CIDADES BRASILEIRAS. SÃO PAULO: STUDIO NOBEL, 2012.

ESPAÇO DO ARQUITETO

Nesta edição da Revista Tulha, trazemos como parte do Espaço do Arquiteto, a estudante da pós-graduação da PUC-Campinas, Luísa Trevisan Ribeiro. A partir de uma entrevista, esperamos que se esclareça o caminho de uma arquiteta e urbanista até as portas de um mestrado, e como é a vida de uma profissional que decide permanecer no meio acadêmico.

- Olá Luísa, como vai? Gostaria de começar a nossa conversa lhe perguntando sobre sua formação. Onde você se graduou e quais foram as experiências que te levaram à decisão de fazer uma pós-graduação?

Olá, tudo bem e vocês? Primeiramente, queria agradecer o convite e parabenizar pela iniciativa e a grande força de vontade

em fazer essa revista acontecer. Me sinto honrada em estar colaborando com um projeto tão legal quanto esse. Parabéns a todos os envolvidos e me proponho a ajudá-los sempre que possível.

Obtive o diploma em Arquitetura e Urbanismo na Puc-Campinas ao fim de 2014 e durante todo o curso fui engajada nas questões da faculdade. Fui integrante do CAFAU desde o primeiro ano e continuei até o terceiro, quando fiz intercâmbio cultural para a Irlanda. Fazer parte do CAFAU foi uma experiência muito boa pra mim. Entendi um pouco de como o meio acadêmico funcionava, tive uma maior aproximação com os professores, com os alunos da Puc em geral e uma troca muito legal de experiências com integrantes do DCE(Diretório Central dos Estudantes) e de C.A's(Centros Acadêmicos) de outros cursos. Estar tão infiltrada nesse meio fez com que eu e minhas amigas organizássemos o CoNEA 2011(Conselho Nacional do Estudantes de Arquitetura), em conjunto com o Cacau da UNICAMP. Tenho certeza que muitas dessas experiências me

fizeram ser o que sou hoje. Acredito que a organização do corpo estudantil é sempre muito benéfica porque nos faz enxergar que somos o coletivo, nos faz acreditar e lutar pelo direito de todos que se encontram naquele meio. É um exercício que todos os alunos deveriam participar em algum momento da vida acadêmica, pois é realmente enriquecedor. Até hoje vejo muita diferença na consciência política dos meus amigos que participavam do movimento estudantil e dos que não participavam.

Em 2011, fiz intercâmbio para a República da Irlanda e lá eu vi como sentia falta de estar no meio acadêmico, de como sentia falta das discussões e de como isso tudo vinha amadurecendo dentro de mim. Em 2012 fiz um curso de História e Desenho Renascentista, em Florença – nem preciso dizer que voltei outra pessoa desse curso. Sempre gostei de história, de ler e me informar sobre. A dinâmica que a professora tinha era incrível e foi lá que decidi o que queria fazer depois de formada: queria estudar e passar isso à frente, queria fazer parte da

academia, informar pessoas e tentar fazer a diferença. Acredito que todos nós queremos fazer a diferença em alguma coisa, e devemos lutar pra isso. Aí entra a noção de coletividade desenvolvida no CAFAU: cada um fazendo um pouquinho, no seu possível, com boa vontade, gera uma revolução enorme. Voltei em 2012 já sabendo que queria continuar os estudos após a graduação.

Trabalhei em alguns escritórios e particularmente, eu detestei. Trabalhei no setor público e no começo me senti muito realizada – fui estagiária na EMDEC e participei de diversos projetos como a ciclovia da Av. Baden Powell, levantamento para ciclovias nas Avenidas Norte-Sul e Princesa do Oeste. Durante alguns meses eu fui feliz lá, pois sentia que a minha formação estava tendo utilidade pública. Ao fim do estágio já estava completamente irritada com a gestão da prefeitura, com a falta de organização dentro dos departamentos e com a falta de comprometimento com a população. No TFG, tive desilusões profissionais e decidi que o que eu deveria começar a fazer o que

eu realmente gostaria.

Como já havia decidido há alguns anos atrás, resolvi dar entrada o mais rápido possível nisso. Foi aí que eu conversei com a Profª Draª Cristina Schicchi, hoje minha orientadora, e começamos a trabalhar no meu projeto de pesquisa. No dia da minha banca final, eu já tinha sido aprovada no mestrado, mas ainda não tinha sido aprovada na graduação. Foi uma sensação estranha de felicidade misturada com medo. Óbvio que às vezes me questiono se não foi cedo demais, mas não me arrependo – e acho que não poderia ter feito melhor.

- Como está sendo sua experiência na pós-graduação na POSURB da PUC-Campinas, desde o processo seletivo, duração e conclusão?

O processo seletivo foi uma pressão e um aperto danado. Estava no fim do TFG e minha dedicação estava dividida entre passar no mestrado e me graduar. Foi complicado, mas deu tudo certo. Entrei na linha de Gestão Urbana e minha pesquisa é sobre Memó-

ria ferroviária, Patrimônio Ferroviário e Gestão Pública. A experiência vem sendo muito boa! Tenho uma ótima relação com a minha orientadora e com os demais professores, são todos ótimos em todos os sentidos. As aulas são ótimas, muito bem estruturadas e sempre tem palestras muito enriquecedoras. A dinâmica com que o curso de pós-graduação é conduzido é muito boa, é muito integradora. Sou bolsista CAPES e faço parte do NAU, que é o Núcleo de Apoio Discente ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Puc-Campinas, o POSURB. Todos os integrantes do NAU são bolsistas – é uma exigência do órgão de fomento CAPES. Junto com outros bolsistas de mestrado e doutorado, ajudamos o POSURB a se desenvolver e ganhar espaço: dando apoio nas edições da revista Oculum, em palestras, fazemos a filmagem e edição destas, produção de cartazes, promoção de oficinas, divulgação online e outras coisas mais.

Através da Profª Drª Cristina Schicchi, entrei para o grupo Memória Ferroviária, que é coordenada pelo Profº Dr. Eduardo

Romero/UNESP. Bem resumidamente, o grupo desenvolve pesquisas interdisciplinares sobre a herança patrimonial, territorial, cultural e social das Estradas de Ferro no Estado de São Paulo. Temos contribuição e vínculo com pesquisadores e universidades do Estado de São Paulo, como UNESP, UNICAMP, Puc-Campinas – e com outros países como a Espanha, Cuba, Inglaterra e Argentina. É um projeto muito interessante. Mês passado, tivemos a Jornada de Patrimônio Ferroviário na UNICAMP. Estive lá e apresentei meu projeto de mestrado junto com os outros pesquisadores, que também apresentaram seus objetos de estudo.

A conclusão eu deixo para falar outra vez, porque é ao fim do ano que vem. Hoje fica meio complicado falar sobre isso.

- Como são tratadas as linhas de pesquisa da POSURB?

Existem três linhas de pesquisa: Requalificação Urbana, Gestão Urbana e História do Pensamento Urbanístico. Cada linha possui um grupo de professores que desenvolvem

pesquisas relacionadas com o tema da sua linha de pesquisa. São desenvolvidos temas muito interessantes e contam com alunos de iniciação científica, mestrandos e doutorandos.

- Qual é o tema de sua dissertação no mestrado, e quais estão sendo os pontos positivos e negativos dessa escolha?

Meu tema, como disse anteriormente, é sobre Memória Ferroviária, Patrimônio Industrial e Gestão Pública. Resumidamente, A pesquisa é focada no primeiro trecho da Cia. Paulista das Estradas de Ferro e nas Estações Ferroviárias nos municípios de Valinhos, Vinhedo e Louveira. Todas as Estações são tombadas pelo CONDEPHAAT e meu estudo é entender conformação desses municípios através da linha férrea e como se dá a gestão desse patrimônio pelo poder público.

Os pontos positivos são inúmeros comparados aos negativos. Além de realização pessoal por estar estudando um tema que eu aprecio (meu tema de TFG foi requalificação de um galpão da Cia Paulista na Es-

tação Cultura), estou aprendendo muito em todos os aspectos. A vivência diária com a pesquisa é uma experiência muito boa, tanto intelectual quanto pessoalmente. Quando você vê, já não consegue mais fazer nada sem uma metodologia de aplicação. E o tanto que se aprende é imensurável.

O ponto negativo é lidar com prefeitura e depender de informações que eles detêm. Às vezes não passam porque dizem que não podem, às vezes passam porque dizem que "foi com a sua cara". É muito complicado lidar com a gestão pública no Brasil. Desde o começo eu sabia que iria ter dificuldades nesse setor, até por ter vivenciado enquanto trabalhei na EMDEC.

- O que você projeta para sua carreira profissional após o mestrado, e quais foram as contribuições da pós-graduação para atingir tais projeções?

No momento, estou focada em me qualificar e depois defender a dissertação com uma boa qualidade. Meu objetivo é sair qualificada para ser uma boa docente, seguir a

carreira acadêmica e fazendo pesquisas. A pós-graduação é que me dá suporte para alcançar esses objetivos. Penso em não demorar muito para dar entrada no meu doutorado, que espero que seja em um intervalo de 2 ou 3 anos depois de finalizado o mestrado.

- Muito obrigado pela sua participação na Revista Tulha, esperamos que tudo ocorra bem na sua pós-graduação e queremos lhe desejar boa sorte!

Muito obrigada! Adorei participar um pouquinho desse projeto com vocês. Espero poder contribuir novamente no futuro. Parabéns e boa sorte nesse novo desafio.

Para mais informações sobre os dados da entrevistas, incluímos uma lista de sites:

- Projeto Memória Ferroviária: projetomemoriaferroviaria.wordpress.com/
- NAU: nauposurbcampinas.wordpress.com/ e www.facebook.com/nauposurb?ref=hl
- POSURB: www.puc-campinas.edu.br/pos-graduacao/stricto-sensu/programa-de-posgraduacao-em-urbanismo/

ARQUITETURA PELO MUNDO

As alunas da FAU PUC-Campinas, Viviane Bartolo e Fernanda Martini, fizeram uma visita à cidade de Brasília entre os dias 17 a 20 de Setembro, assistida pelo professor Luis Fernando Campanella, analisando os elementos arquitetônicos e ampliando os conhecimentos teóricos da sala de aula.

Na hora de partir em direção a capital, nos vem em mente vários mitos e pré-conceitos que foram passados para nós até então. Grandes nomes como Clarice Lispector diz Brasília ser uma prisão ao ar livre, Lucio Costa afirmava que "o céu é o mar de Brasília" e o grande mestre da arquitetura Oscar Niemeyer dizia "você vão ver os palácios de Brasília, deles podem gostar ou não, mas nunca dizer terem visto antes coisa parecida". Quanta expectativa volta-

da para uma viagem. Quantas questões a serem comprovadas e entendidas. Foi nesse clima que embarcamos para a tal cidade da arquitetura moderna.

Sabe tudo aquilo que é dito nas aulas de "caderninho" do primeiro ano de Arquitetura Moderna? As superquadras, os pilotis, estrutura independente da vedação, o grande eixo da cidade, as grandes avenidas, a tal da escala monumental?? Tudo presente em uma mesma cidade. Brasília é a cidade da arquitetura moderna, e muito diferente do que estamos acostumados a ver. Por onde você anda tem arquitetura de qualidade. Vemos prédios do Niemeyer por toda parte, e respiramos o ar de uma cidade planejada na década de 1960. Grandes avenidas movimentadas, grandes quadras, grandes distâncias entre edifícios, uma escala completamente diferente da que estamos acostumados a viver.

Depois de passar as primeiras horas, notamos o calor do centro oeste do Brasil assim como a falta que uma garrafa de água faz naquela cidade tão árida. O céu,

completamente azul a todo instante, colaborou para que as fotos ficassem ainda mais bonitas. Que cidade incrível! Não dá pra acreditar que em cinco anos a capital surge do zero, e que tudo foi planejado. É realmente um sonho para qualquer arquiteto!! O lago Paranoá foi uma grande solução para tentar umidificar a cidade, além de trazer uma beleza e um lazer para os moradores e visitantes que se divertem com o remo e a noite, contemplam suas margens em bares e restaurantes.

Outra questão que difere e intriga ao mesmo tempo são as grandes praças e espaços públicos que estão bastante presentes na cidade de Brasília. Principalmente no eixo monumental onde fica o Congresso Nacional, podemos notar a quantidade de esplanadas que separam os edifícios e criam espaços para eventos noturnos e até manifestações. Os projetos de Oscar Niemeyer utilizam muito o subsolo, que ajudam a criar espaços mais frescos. Apesar de enterrados o arquiteto sempre faz uso da iluminação natural nesses edifícios, criando aberturas



inusitadas.

Além dos edifícios modernos paradigmáticos como Palácio do Planalto, Palácio da Alvorada, o Itamaraty, o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal, o Superior Tribunal de Justiça, a Catedral de Brasília, a cidade também possui alguns edifícios contemporâneos inseridos na dinâmica moderna. O edifício do Confea, a nova sede do Sebrae por exemplo, projeto referência nas questões de conforto ambiental e inovação tecnológica.

Além disso, nota-se que o crescimento ultrapassou o planejamento, e aí que encontramos os edifícios anexos à quase todos os edifícios principais de Brasília, e também as cidades satélites.

Visitar Brasília sendo um estudante de arquitetura e urbanismo é como realizar um sonho, independentemente de sua posição crítica! Não deixem essa oportunidade passar!

RELATOS E VIVÊNCIAS

No Arquitetura pelo Mundo desta edição, convidamos a aluna do segundo ano da FAU PUC-Campinas, Letícia Sitta, para fazer um pequeno relato sobre sua experiência de intercâmbio cultural. No segundo semestre de 2015, ela retornou ao Brasil depois de um ano estudando na Escócia e viajando pela Europa, e aqui nos conta um pouco sobre a viagem.

Medo, insegurança, receio. Muitas pessoas dizem não se sentir confiantes para atravessar mares e continentes e fazer um intercâmbio. Por isso, essas pessoas nem chegam a conhecer o outro lado. Na fila para pegar o voo de São Paulo a Edimburgo, capital da Escócia, não senti nenhum tipo de medo sobre o que encontraria por lá ou se iria me adaptar. Embora, sem dúvidas, uma

angústia me apertava o peito por todas as pessoas de quem eu precisaria ficar distante durante esse tempo. Quando soube do programa Ciência sem Fronteiras, logo resolvi participar. Dentre os vários destinos, escolhi Reino Unido, pelo interesse em conhecer mais sobre a cultura e, principalmente, porque inglês era minha única segunda língua, mesmo que em um nível básico. Além disso, a facilidade de viajar e conhecer a rica arquitetura europeia também me empolgavam muito. A Escócia não era minha primeira opção, mas suas paisagens deslumbrantes, seus castelos maravilhosos e sua história riquíssima me encantaram facilmente.

Diversos fatores me motivaram a fazer intercâmbio, como a vontade de aprender outra língua, a possibilidade de desfrutar de um ensino de qualidade e enriquecer minha carreira acadêmica e profissional, a vontade de expandir meus horizontes e abrir minha mente, conviver com outras pessoas e conhecer outras culturas. Fazer intercâmbio, com certeza, ajuda a desenvolver nossa autonomia e autoconfiança. Quando viajamos

temos o intuito de conhecer novos lugares e pessoas diferentes. Entretanto, mais do que conhecer o novo e o outro, viajar significa também a possibilidade de conhecer mais sobre si mesmo. Certamente, tive que me adaptar a uma rotina muito diferente daquela que vivo no Brasil. Primeiramente, porque eu moraria sozinha durante um ano. Era eu quem deveria fazer as compras, organizar minhas finanças, limpar o flat e lavar as roupas. Não haveria ninguém para controlar o que eu deveria comer, que horas deveria dormir ou acordar.

Sobre a rotina da faculdade, não é novidade o grande foco nos estudos individuais, que as universidades europeias incentivam. Com esse sistema, grande parte do meu tempo se tornou "livre", muito diferente do que estamos acostumados no Brasil, principalmente em cursos de período integral, como Arquitetura e Urbanismo. Na universidade em que estudava, University of Dundee, minhas aulas aconteciam três vezes por semana e os blocos de aula duravam, no máximo, duas horas. Com isso, tive que

aprender como organizar meu tempo livre, ter disciplina para separar o tempo de estudos e também, de lazer. Havia tempo suficiente para estudar e também fazer yoga, boxe, ler, sair para correr ou jogar tênis com os amigos. A própria universidade promovia grupos sobre as atividades mais diversas: danças, ciclismo, natação, etc.

A infraestrutura e organização da universidade eram impressionantes. Mais impressionante ainda eram o acolhimento e o cuidado com o aluno. Os funcionários estavam sempre dispostos a ajudar e incentivar o aprendizado do estudante. A estrutura dos cursos também era bem diferente. Arquitetura e urbanismo eram ministrados separadamente, inclusive, em prédios diferentes. Outra grande diferença que pude notar, foi a grande dedicação em pesquisa e estudo de teorias, enquanto nossos cursos conduzem um foco muito maior em prática e projeto, com um uso intenso da mão e do desenho como instrumentos principais. Ambos os sistemas possuem seus pontos positivos e negativos. Fazendo minha análise crítica, o



que observo é que nossos estudantes não se aprofundam em teorias, não aprendem a desenvolver pesquisa, a ter seu estudo individual. Por outro lado, foi decepcionante observar meus colegas estrangeiros fazerem projeto sem tocar no lápis.

Em relação à legislação urbanística, é interessante relatarmos que, ao contrário dos vários coeficientes estabelecidos pelos planos diretores brasileiros, os britânicos trabalham a avaliação de cada caso de construção e reforma, o que promove um controle muito maior do desenvolvimento urbano. Todavia, esse sistema torna o processo mais burocrático e lento. Foi inspirador observar o cuidado que eles desenvolvem sobre questões ambientais como preservação, poluição e alagamentos, mesmo que essas problemáticas não sejam tão graves como as observadas no Brasil.

A bolsa fornecida pelo programa era suficiente para cobrir todas as necessidades e, com organização, era possível guardar uma boa "graninha" para viajar. A maioria dos meus colegas preferia o fator quantida-



de e por isso, visitava o máximo de países no menor tempo possível. Preferi mergulhar mais a fundo na cultura dos países que visitei, passar mais tempo e conhecer melhor suas cidades, provar mais de suas comidas, vivenciar mais. Viajar nos faz ver o quão pequeno somos, diante desse mundo imenso. O quanto não temos nada, porque há lugares com muito mais. O quanto somos ricos, pois há lugares com muito menos. Sentir a emoção de estar em um lugar que apenas vi nos livros, vivenciar a arquitetura, as pinturas e as esculturas das aulas de história e experienciar coisas que sequer cabem nos livros! Viajar é, com certeza, a melhor maneira de aprender história.

Volto com a vontade de viajar muito mais e de conhecer muito mais nosso Brasil. Volto reconhecendo os valores de nossa cultura, de nossas paisagens, de nossa gente. Ao mesmo tempo, volto querendo um comportamento melhor dessa cultura brasileira, um cuidado maior com a paisagem brasileira, um cuidado mais digno com a gente brasileira. Quero não sentir medo de andar na

rua. Quero não ter medo de abrir a carteira na rua ou de andar com o celular na mão. Quero ver mendigos bem vestidos. Quero não ver mendigos! Quero ter tempo de fazer yoga, boxe, sair pra correr, ou simplesmente dormir sete horas por noite. Quero que as pessoas continuem abrindo um sorriso quando digo qual a minha nacionalidade. E quero agora, passar ao Brasil, o que o Brasil me permitiu aprender lá fora.

Meu muito obrigado a todos os que me incentivaram e me apoiaram nessa viagem: meus familiares, meu namorado, meus professores. À PUC. Ao Programa Ciência sem Fronteiras.

LETÍCIA SITTA

PUBLIQUE-SE

Uma arquitetura democrática e a serviço da cidadania era o mote da IX Bienal de Arquitetura de São Paulo, que foi até 4 de dezembro no pavilhão da Oca, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

Com o tema "Arquitetura para todos, construindo cidadania", o objetivo era discutir questões próximas do interesse do grande público, como a mobilidade urbana nas grandes cidades.

Até o dia 4 de dezembro, a Bienal reuniu cerca 140 projetos vindos de 25 países, como Alemanha, Argentina, Chile, Colômbia, Dinamarca, EUA, França, Holanda, Israel, Itália, México, Moçambique, Noruega e Portugal.

Além das exposições A 9ª Bienal de ar-

quitetura lançou um concurso na época, seu objetivo era valorizar a criatividade e motivar a participação de estudantes de Arquitetura e Urbanismo no debate sobre o papel do Arquiteto e Urbanista na construção dos espaços do Homem e da cidadania.

A área de intervenção, de livre escolha do estudante, devia apresentar certas características como: estar situada em uma área central, com até 10.000m² contínuos e estar interligada ao sistema viário consolidado. O projeto devia levar em consideração questões como densidade, mobilidade, convívio e impacto ambiental. Os trabalhos selecionados pela Comissão Julgadora fizeram parte da Bienal.

Estudantes do 1º ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, resolveram participar do concurso, e idealizaram o projeto Novo Centro. O projeto destacou-se por sua criatividade e abstração digna de profissionais formados, tamanho o seu reconhecimento que foi pré-selecionado junto a outros de destaque, também produzidos por

estudantes de Arquitetura de vários lugares do País, e exposto na Bienal.

Conversamos com Guilherme Oliveira, atualmente no 2º ano de Arquitetura e Urbanismo da Puccamp, e membro da equipe idealizadora do Novo Centro. Ele nos contou um pouco como foi a experiência de participar de um concurso, e a ideia do projeto:

O Projeto:

Projeto / Project: Novo Centro

Equipe / Team: Daniel H. Ribeiro, Douglas Figueira, Francisco Giliarde, Guilherme Oliveira, José H. Carrari

Orientador / Coordenato: Joaquim Caetano de Lima Filho

Universidade / Universit: Pontifícia Universidade Católica de Campinas

"O objetivo desse projeto foi propor um espaço livre em meio às privações da cidade atual e trazer novamente referências urbanas, dinamismo social em parte da região



NOVO CENTRO / NEW CENTER

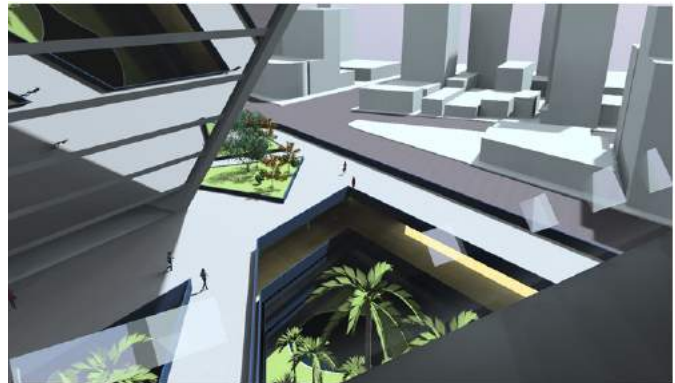
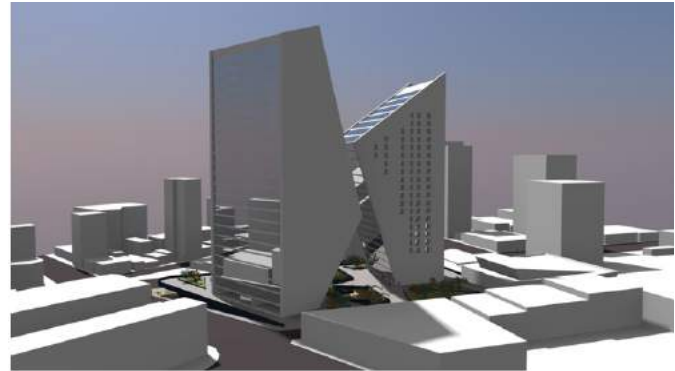
central de Campinas.

Para transcrever tais conceitos para o plano arquitetônico escolhemos formas puras, articuladas em uma grande praça e uma galeria comercial aberta.

Com a estética simples buscamos quebrar o cansaço visual causado pelo grande número de construções do entorno. A generosa escala é dada ao edifício com o intuito de marcar a cidade, trazendo ao local a configuração de ponto referencial para todo o município.

As duas torres de edifícios são destinadas a serviços, habitações, e equipamentos públicos de saúde e educação. O acesso para cada programa se dá por meio de elevadores e escadas setoriais em todo o complexo arquitetônico.

A praça sob os prédios, conectada à galeria comercial por escadarias e elevadores, traz permeabilidade ao projeto, permitindo a livre circulação e a travessia de uma extremidade da quadra à outra, sem ter de contornar o conjunto.



O volume mais baixo no nível da rua consiste em um teatro, que pode ser acessado tanto pela calçada quanto pela galeria comercial através de rampas. No subsolo há dois pavimentos de estacionamentos, sendo o menor reservado aos residentes com acesso separado e o maior destinado a atender os serviços, comércio e o posto de saúde."

Como é participar de um concurso:

É necessário disciplina para poder conciliar as atividades e trabalhos da faculdade com o projeto do concurso. E principalmente estar sempre se atualizando, buscando sempre referências projetuais.

Cada concurso nos proporciona uma experiência única que nos exige uma resposta a uma determinada questão. Isso alimenta o nosso espírito investigativo buscando cada vez mais o conhecimento a fim de atender estas questões que é a da própria sociedade.

Se você também se interessou em par-

ticipar de algum concurso, fique sempre de olho no site: <http://concursosdeprojeto.org>. Há sempre atualizações de concursos que estão rolando! #Ficaadica

PAULA BIANCHI

Acesse o Blog:

<http://gaarq.blogspot.com.br/2012/04/novo-centro-concurso-9-bia.html>

DICAS

CICLO DE DEBATES URBANISMO DAS RUAS EM REDE

Data: De: 03 a 23 de Novembro de 2015, 17:00

Local: FAU USP

<https://bibfauusp.wordpress.com/2015/10/21/ciclo-de-debates-urbanismo-das-ruas-em-rede-na-fauu-sp/>

EXPOSIÇÃO DE ARTE: "A GRAVURA"

Data: 7 de Novembro a 12 de Fevereiro

Local: Pinacoteca do Estado de São Paulo

<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/>

ENCONTRO INTERNACIONAL "ESPAÇOS CULTURAIS URBANOS"

Data: 22 e 23 de Setembro de 2015

Local: SESC Bom Retiro, SP

<http://www.sescsp.org.br>

1ª JORNADA DO PATRIMÔNIO

Data: 12 e 13 de Dezembro de 2015

www.prefeitura.sp.gov.br

EXPOSIÇÃO FRIDA KAHLO-CONEXÕES ENTRE MULHERES SURREALISTAS NO MÉXICO

Data: 21 de Novembro de 2015 até 10 de Janeiro de 2016

Local: Instituto Tomie Ohtake, São Paulo

<http://www.institutotomieohtake.org.br/programacao/exposicoes/frida-kahlo/>

CONCURSOS CASA DA SUSTENTABILIDADE, NO PARQUE TAQUARAL

Data: 15 de Outubro de 2015 a 22 de Janeiro de 2016

<http://www.iabsp.org.br/casadasustentabilidade/>

